

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



GOZO, TRANSGRESSÃO E MORAL

Alessandra Bachini - alessandrablazzari@gmail.com

Denise Arduim - darduim@gmail.com

Resumo: Lacan, em seu Seminário livro 7, explora a ética na psicanálise, destacando a relação entre o sujeito, sua verdade, o desejo e a Lei. A Lei Moral, fundamentada no Outro primordial, influi no desejo do sujeito, gerando paradoxos. Freud, em suas obras, aborda a cultura e a renúncia pulsional, enquanto Lacan discute a pulsão de morte e a compulsão à repetição. A relação simbólica define o desejo como metonímico e inconsciente, conduzindo o sujeito à busca incessante. A Lei Moral causa mal-estar, levando à angústia da renúncia e à busca pelo gozo. Na fantasia sadiana, o sujeito busca o absoluto, negando a castração. A transgressão surge na tentativa de acessar o Real. A fantasia sadiana implica sacrifício e morte do sujeito do desejo. Freud adverte sobre os perigos da idealização e o poder das lideranças carismáticas na sociedade. Lacan elucidado: as organizações sociais se unem por esperança e ódio, resultando em destruição.

Palavras-chave: Lacan, ética, psicanálise, desejo, Lei Moral.

São Paulo
2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



JOUISSANCE, TRANSGRESSION AND MORALITY

Alessandra Bachini - alessandrablazzari@gmail.com

Denise Arduim - darduim@gmail.com

Abstract: Lacan, in his Seminar book 7, explores ethics in psychoanalysis, highlighting the relationship between the subject, their truth, desire, and the Law. The Moral Law, grounded in the primordial Other, influences the subject's desire, generating paradoxes. Freud, in his works, addresses culture and instinctual renunciation, while Lacan discusses the death drive and the compulsion to repetition. The symbolic relationship defines desire as metonymic and unconscious, leading the subject to incessant pursuit. The Moral Law causes unease, leading to the anguish of renunciation and the pursuit of enjoyment. In the sadistic fantasy, the subject seeks the absolute, denying castration. Transgression arises in the attempt to access the Real. The sadistic fantasy implies the sacrifice and death of the desiring subject. Freud warns of the dangers of idealization and the power of charismatic leadership in society. Lacan elucidates: social organizations unite through hope and hatred, resulting in destruction.

Keywords: Lacan; ethics; psychoanalysis; desire; Moral Law.

São Paulo
2024

No Seminário livro 7, A Ética da Psicanálise (1959-1960), Lacan percorre um longo caminho para elaborar um conceito sobre a ética na psicanálise, a relação entre o sujeito e sua verdade, entre o desejo e a Lei.

Nesse sentido o que tem que ser levado em conta é a posição do sujeito frente à Lei, como ele se comporta frente à castração, pois o desejo só é possível a partir dos seus efeitos.

O objetivo deste texto, que tem como referência a obra citada, o texto dos Escritos “Kant com Sade” (1962), Freud, J. A. Miller e também as discussões ocorridas no Vox ao longo de 2020, é abordar as relações paradoxais entre o sujeito e o supereu, a Lei Moral e suas possíveis consequências: gozo e transgressão.

Logo no início do Seminário 7, Lacan afirma que “[a] experiência moral coloca o homem numa certa relação com sua própria ação, que não é só uma lei articulada, mas sim um ideal de conduta.” (p. 13).

Desde o Projeto para uma Psicologia Científica (1895), Freud vai buscar ferramentas para a compreensão do funcionamento do aparelho psíquico. Se para ele o princípio do prazer é quem controla a quantidade de excitação, podemos dizer que ele barraria os excessos no interior do aparelho. Mas existe algo além do princípio do prazer que não obedece a essa regulação, fazendo com que Freud reveja sua formulação, posto que o sujeito tende a repetir justamente o desprazer. A pulsão de morte vem para explicar a compulsão à repetição, da pulsão que exige ser satisfeita. Essa insistência, para Lacan, é entendida como uma busca de significação, um automatismo da pulsão - gozo.

Em o Mal estar na Civilização (1930), Freud fala que a Cultura promove esse mal estar no sujeito ao fazê-lo renunciar às pulsões, cumprindo uma ordem que vem do *supereu*, trazendo um sentimento de obrigação. Paga-se caro com essa exigência, pois quanto maior a renúncia mais o sujeito se sente culpado e compelido a submeter-se mais e mais ao caráter *superegoico*.

Submeter-se à Lei Moral não traz ao sujeito um apaziguamento e, sim, um aumento do mal estar. A submissão a essa Lei se dá, pois o desamparo primordial do

sujeito faz demandar amor daquele que cuida dele, afinal o desejo de ser amado é o que movimenta o sujeito a seguir os ideais do Outro primordial, num processo de identificação. Assim, o sujeito estará sempre ligado ao *desejo Outro*, desejo que não pode ser satisfeito, pois, ao abolir a demanda, não há movimento.

A relação com a Lei enquanto fundamentada no Outro é o que movimenta o desejo pela via dos significantes. Mas, o que é buscado pelo sujeito é um rebaixamento das tensões visando à homeostase e esse para além é o significante da morte.

Miller (Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan – entre desejo e gozo, 2011) lembra que é Lacan quem constrói a tripartição necessidade, demanda e desejo:

A necessidade conhece uma transmutação simbólica pelo fato de o objeto de uma demanda vir a ser simbolizado. Mas, a demanda deixa sempre um resto inapreensível, que corre entre as palavras, a metonímia do discurso, que Lacan chama de desejo. O desejo, classicamente metonímico, é o furão que escorrega. É nessa dimensão que o sujeito formula sua questão, justamente por ele ali não se encontrar.

A relação simbólica que define a posição do sujeito é a palavra, é a presença do significante que comanda o sujeito. A entrada no simbólico traz a sustentação para a busca do objeto, satisfação da demanda. Porém, sempre tem algo que escapa e que faz remeter a uma nova busca. É justamente a impossibilidade desse encontro, de acessar o Real que traz a insistência da pulsão, o gozo.

“A Lei Moral se articula com a visada do real como tal, do real na medida em que ele pode ser a garantia da Coisa” (LACAN, (1959-1960)). Em sua tese, o Real é entendido por Lacan a partir de Freud como das Ding, como o Outro primordial, objeto perdido que se busca encontrar, objeto incestuoso, excluído das representações, que é, ao mesmo tempo, o mais íntimo do sujeito.

Se, por um lado, o gozo tem um princípio estruturante, sendo a metonímia do desejo na cadeia significante que coloca o sujeito em movimento, por outro, coloca-o submetido a um ideal, a uma obediência à Lei Moral. Esse é o nó da Lei com o desejo, evidenciando o paradoxo do gozo. “O gozo, ao contrário do desejo, é um ponto fixo, não é uma função móvel” (MILLER, 2011).

Em O Mal estar na civilização (1930), Freud aponta que o mal estar do sujeito é causado pela existência do encontro com a Cultura, própria da relação com seu semelhante. Nesse encontro, a cultura inibe a hostilidade e a agressividade reprimida se volta para o lugar de onde veio, o Eu, tal como acontece na estruturação do sujeito.

A renúncia em abrir mão do desejo pela mãe em nome do amor do pai, no processo de identificação a ele (FREUD, 1923), traz a ambiguidade amor e ódio: “Recuo de amar meu próximo como a mim mesmo na medida em que nesse horizonte há algo que participa de não sei qual crueldade intolerável” (LACAN, 1959-1960, p. 233). Dessa maneira, seguir ao mandamento moral “Amarás teu próximo como a ti mesmo” pode ser a via mais cruel, pois não há garantia de amor. É aí que comparece o caráter destrutivo da pulsão, é o que sobra da interdição.

E é na forçagem, na insistência em ultrapassar a Lei simbólica para chegar ao Real que surge a transgressão, condição do sujeito de acessar o Real, a Coisa. Para Lacan, o que caracteriza a perversão é a posição subjetiva em relação à Lei, é a recusa de se haver com o pai.

Freud, no texto *O Fetichismo* (1927), acrescenta uma nova forma de negação da castração. Além da negação na neurose (que renuncia à pulsão), a rejeição na psicose (que não reconhece a falta), ele aponta a denegação ou o desmentido da perversão, onde o sujeito cria uma ilusão ao trazer o objeto fetiche como substituto do pênis da mãe, falo imaginário, o qual ele quer conservar.

O neurótico também nega a castração, mas conserva o objeto faltoso de maneira inconsciente. Ele deseja a partir de sua incompletude, visando reencontrar o objeto, apoiando-se na fantasia. Não aceitar a castração do Outro é o que coloca o sujeito em movimento.

O perverso, ao preservar o objeto no fetiche, defende-se contra a angústia de castração, recusando-se a atravessá-la. Ao não aceitar a ausência do falo no Outro, fica preso nesse lugar de objeto, submetido e imobilizado como instrumento de gozo.

Em Kant com Sade, Lacan fala que a ética do desejo está subjugada nos dois autores. A Lei Moral de ambos destitui o sujeito desejante, submetendo-o a uma Lei Universal.

A moralidade está a serviço do dever, abandonando voluntariamente o patológico em sujeição a uma Lei. Em Kant, a relação do sujeito com o Bem faz com que o sujeito se lance contra ele mesmo em nome da obediência. Em Sade, a relação do sujeito com o

Mal o faz aproximar-se do gozo absoluto, pois, entregar-se às leis da natureza como sacrifício é um dever Moral.

O carrasco da obra de Sade toma a posição de objeto para sacrificar o outro, como se pudesse comandar a castração. Ele é aquele que se oferece ao parceiro como aquilo que falta, removendo a barra do sujeito e promovendo angústia. É aqui que o perverso toca o horror do outro, visando o sujeito bruto do prazer.

Na fantasia sadiana, o gozo como transgressor faz a forçagem. O gozo sadiano propõe a ilusão de que pode haver uma sociedade no crime, transgredindo as leis que são proibidas numa tentativa de matar o Outro, indo atrás da destruição de si mesmo.

Sem desejo, não há movimento. Ao se fixar como objeto para responder ao Outro como servo, ele mantém a ilusão de comandá-lo. Nessa montagem para a busca de uma satisfação que ele supõe ser absoluta, ele congela uma cena, uma imagem. Essa suposta satisfação é uma experiência transitória, pois, ao não experimentar a falta, ele não tem desejo. Nessa estrutura, não há tentativa de complementariedade entre o sujeito perverso e seus parceiros, não há promoção de laço.

Ao transformar a realidade, cria-se a ilusão de um desejo absoluto. Criam-se as próprias leis imobilizando seus parceiros. A fixidez e a cristalização das cenas fazem com que o perverso seja ainda mais moralista por sua rigidez e obediência que o suposto sujeito benevolente. Por não permitir nenhuma mudança de posição, só se goza de uma única maneira.

A fantasia sadiana é a própria moralidade, pois ela implica o sacrifício, e quando alguém se sacrifica por um valor, aceita morrer por uma causa (MILLER, 1997). Essa é a verdade que Sade denuncia em Kant: a morte do sujeito do desejo.

Fica claro o que Freud nos adverte, no texto *A Psicologia das Massas* (1921), sobre os perigos de uma idealização que, ao ser inatingível, resulta numa fascinação que ocorre pelo investimento afetivo e passional e o sacrifício obediente ao ser amado, justamente por ele ocupar esse lugar de Ideal. As figuras de alguns líderes cumprem, metaforicamente, um papel paternalista que, ao tomarem esse lugar idealizado, oferecem uma promessa sempre ilusória de segurança total. Ainda hoje, as sociedades modernas são muito influenciadas pelos fenômenos de massa, onde essas lideranças são seguidas sem muitos questionamentos.

Freud fala ainda que as organizações sociais, igrejas e exércitos são formações de massa que se unem por uma esperança de amparo. Infelizmente, o que une as pessoas não é só o amor, mas também o ódio suscitado entre os membros do grupo identificados pela intolerância aos diferentes dele.

Podemos entender o surgimento de tantos Creontes, como vemos em Sófocles (442 a.C.) na tragédia grega da peça de *Antígona*. Com a promessa de ordem e cumprimento de um dever, ele cria suas regras, uma nova Lei e, com isso, carrega todos consigo num mar de destruição.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. 1895/1950 - Projeto para uma psicologia científica - In *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - volume I*. Tradução Jaime Salomão, RJ - Imago, 1976.

_____, 1921 - *Psicologia das Massas e Análise do Ego* - volume XVIII. Tradução Jaime Salomão, RJ - Imago, 1976.

_____, 1923 - *O Ego e o Id* - volume XIX. Tradução Jaime Salomão, RJ - Imago, 1976.

_____, 1927 - *O Fetichismo* - Volume XXI. Tradução Jaime Salomão, RJ - Imago, 1976.

_____, 1930 - *O Mal Estar na Civilização* - volume XXI. Tradução Jaime Salomão, RJ - Imago, 1976.

LACAN, Jacques 1959/1960 - *Seminário 7 - A Ética da Psicanálise*. Tradução Antônio Quinet, Zahar RJ. 2008

_____. 1962 - Kant com Sade - in Os Escritos Tradução Vera Ribeiro Zahar, RJ . 1998.
MILLER, Jacques-Alain. Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Entre Desejo e Gozo. Tradução Vera Avellar Ribeiro Zahar, RJ. 2011